



ANAIS do 32º Congresso Brasileiro de Espeleologia

Barreiras-BA, 11-14 de julho de 2013

ISSN 2178-2113 (online)



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 32º Congresso Brasileiro de Espeleologia disponível gratuitamente em www.cavernas.org.br/32cbeanais.asp

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

SANTOS, J.S.. Vandalismo em cemitérios indígenas em cavidades naturais nos Sertões da Paraíba: estudo de caso da necrópole sítio Pintura I, Paraíba, Brasil. In: RASTEIRO, M.A.; MORATO, L. (orgs.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 32, 2013. Barreiras. *Anais...* Campinas: SBE, 2013. p.447-453. Disponível em: <http://www.cavernas.org.br/anais32cbe/32cbe_447-453.pdf>. Acesso em: *data do acesso*.

A publicação dos Anais do 32º CBE contou com o apoio da Cooperação Técnica SBE-VC-RBMA. Acompanhe outras ações da Cooperação em www.cavernas.org.br/cooperacaotecnica

Esta é uma publicação da Sociedade Brasileira de Espeleologia. Consulte outras obras disponíveis em www.cavernas.org.br



VANDALISMO EM CEMITÉRIOS INDÍGENAS EM CAVIDADES NATURAIS NOS SERTÕES DA PARAÍBA: ESTUDO DE CASO DA NECRÓPOLE SÍTIO PINTURA I, PARAÍBA, BRASIL

VANDALISM IN INDIGENOUS CEMETERIES IN NATURAL CAVITIES IN THE HINTERLANDS OF
PARAÍBA: STUDY OF THE NECROPOLIS SITE PAINTINGS I, PARAÍBA, BRAZIL

Juvandi de Souza Santos

(1) Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Contatos: juvandi@terra.com.br.

Resumo

O presente trabalho tem como principais objetivos o de mostrar os resultados obtidos em uma escavação arqueológica de uma necrópole indígena Cariri (Pinturas I), localizada na parte interna de um abrigo natural rochoso nos Sertões da Paraíba, bem como verificar os atos de vandalismos ali detectados. Nos Sertões paraibanos (interior), as cavidades naturais (abrigos-sob-rochas e lapas), especialmente de formação granítica, foram utilizados largamente na Pré-História com essa finalidade, sendo, portanto, de suma importância sua preservação para estudos presentes e futuros nos campos da Arqueologia e da Espeleologia, com o intuito de entendermos o *modus vivendi* dos grupos humanos ocupantes dos Sertões da Paraíba.

Palavras-Chave: Cavidades naturais, Sertões, Paraíba.

Abstract

This work has as main objective to show the results obtained in an archaeological excavation of a Cariri necropolis (Paintings I), located inside a natural rocky shelter in the hinterlands of Paraíba and check the acts of vandalism detected in this site. In the hinterlands of Paraíba natural cavities (shelter beneath rocks) specially made of granite were extensively used in Prehistory for this purpose, being therefore, of great importance for its preservation for present and future studies in the fields of Archaeology and Speleology, in order to understand the modus vivendi of human groups occupying the hinterlands of Paraíba.

Key-words: Natural Cavities, Hinterlands, Paraíba aulo.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Os Sertões e seus antigos habitantes

Os europeus, quando aqui chegaram, encontraram grupos humanos vivendo num sistema quase comunal, totalmente diferente do que se via na Europa renascentista. Os europeus se viam como modernos e desenvolvidos, e viam os indígenas como bárbaros, selvagens, justamente por não conhecerem nem viverem a moda europeia. Esses “selvagens” viviam nos Sertões (interior), como nas áreas de semiaridez da Paraíba (SANTOS, 2011). Não viviam em abrigos naturais, mas sim em aldeias; no entanto, utilizavam os abrigos naturais para práticas ritualísticas em atividade pós-morte. No caso dos indígenas Tarairiús, eram nesses abrigos que calcinavam e consumiam as cinzas dos seus falecidos num ritual denominado de endocanibalismo (SANTOS, 2009); já os Cariris utilizavam largamente abrigos rochosos para inumarem seus mortos, seja em igaçabas ou no chão “limpo” propriamente dito. Assim, as cavidades

naturais da Paraíba tiveram importante serventia para estes grupos humanos, mas sendo, atualmente, alvo de vândalos que violam locais tão sagrados, e importantes para a Arqueologia Pré-Histórica.

O desprezo por estes povos antigos dos Sertões não é algo recente. Maria Idalina da Cruz Pires (2002, p. 17), afirma que esse desprezo generalizado foi comum entre os colonizadores, que viam os indígenas como impedidores do processo de ocidentalização dos portugueses, ou seja, da conquista do interior. Nessa esteira, a destruição de seus ambientes passou a ser uma constante, pois o importante para o colonizador era apagar os resquícios pretéritos de povos incultos, bárbaros.

Assim sendo, nosso estudo de caso busca analisar os atos de vandalismo que foram cometidos em uma necrópole indígena nos Sertões da Paraíba e suas consequências negativas para os estudos que visam a estudar o *modus vivendi* do grupo humano Cariri, como também, mostrar minúcias da

escavação arqueológica e da qualidade do material coletado, consequência dos atos de vandalismos.

1.1.1.O cemitério

Comprovadamente o sítio Pinturas I é um sítio arqueológico, tanto de arte rupestre quanto um cemitério indígena, visto a grande quantidade de ossos humanos que aflorou entre os dias 14 e 18 de abril de 2008, bem como, os vários painéis rupestres existentes nos blocos suportes do abrigo, além de ser um excelente exemplo de sítio espeleológico do tipo abrigo-sob-rocha, em granito, em área do Complexo Cristalino na Paraíba. O cemitério faz parte de um complexo cinturão de abrigos rochosos encontrados tanto no sopé da elevação, quanto na meia encosta e no topo da Serra da Cascavel, em que ao menos em quatro deles existem indícios da passagem do homem pré-histórico e histórico na região, sendo que em todos os abrigos que se encontram evidências arqueológicas foram detectados atos de vandalismos.

1.1.2.Localização

O Sítio Pinturas I está localizado a leste da cidade sede do município de São João do Tigre, no extremo sul do estado da Paraíba, fronteira com o estado de Pernambuco, em uma região de grande densidade de ocorrências arqueológicas em cavidades naturais.

O Sítio Pinturas I localiza-se na Área de Proteção Ambiental – APA das Onças –, sendo a maior área de proteção ambiental (cerca de 36 mil ha) e a menos estudada e conhecida da Paraíba (SANTOS, 2008), fica há cerca de 240 km de Campina Grande. O Sítio Pinturas I dista cerca de 12 km da cidade de São João do Tigre e o acesso se dá por estrada carroçável, intransitável no período de chuvas.

O sítio encontra-se nas seguintes coordenadas geográficas: altitude: 659 m. em relação ao nível do mar; latitude sul: 08° 0,8'14.6''; longitude oeste: 36°48'55.3''.

1.1.3.O abrigo natural

Trata-se de um serrote cujo dorso é formado por inúmeros blocos de granito (Figura 1), organizados de modo a dispor um abrigo rochoso com cerca de 5 m de profundidade (da parede suporte até a linha de chuva), contendo em suas paredes internas cinco painéis com pinturas

rupestres em vermelho em pelo menos duas tonalidade (Figura 2). O referido Serrote foi denominado pela população local Serrote dos Caboclos das Pinturas, ou simplesmente Pinturas; encontramos além de inscrições rupestres, outros diversos testemunhos da passagem dos homens pré-históricos e históricos na região, principalmente ossos e dentes humanos. O local em si é uma necrópole primitiva onde acreditamos tratar-se de enterramentos de indígenas Cariris ou seus ancestrais que habitavam a região na época do contato e ali permaneceram até serem extintos ou mesclados na população branca que ocupou a região desde o final do século XVI.

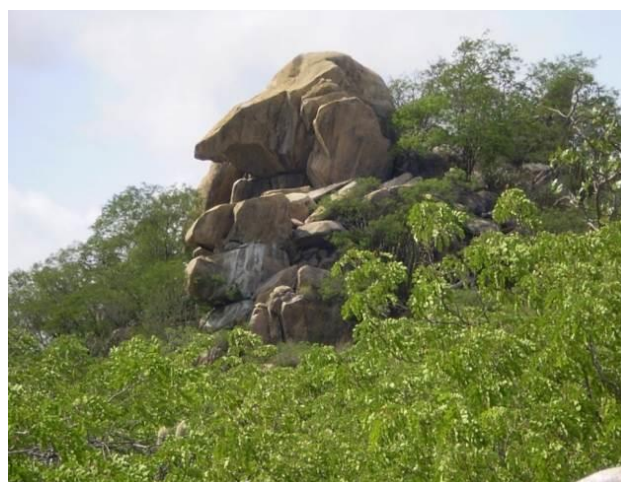


Figura 1 – Vista panorâmica do abrigo rochosos do sítio Pinturas I, São João do Tigre, Paraíba, Brasil.



Figura 2 – Figuras rupestres existentes nas paredes internas (suporte rochoso) do sítio Pinturas I, São João do Tigre, Paraíba, Brasil.

1.1.4.O estado de conservação do sítio

De forma geral, quanto ao sítio em si e seu entorno, sofreram depredações, muitas delas irreversíveis, por parte do homem.

A ambiência é um fator determinante para se entender o *modus vivendi* de um grupo e, portanto, não pode ser desprezado.

Alerta Brito (2008, p.2):

que nossa sociedade moderna perdeu as relações com o meio ambiente, é escrava de tecnologia e quase um alienígena em seu próprio planeta. O que causa um afastamento vertiginoso entre nossa sociedade e o entendimento da natureza do homem primitivo.

É preciso olhar o sítio com olhares do passado, abandonando a paisagística atual, pois a mesma sofreu transformações relevantes, desfigurando o local e acelerando o processo de degradação. Para tanto faz-se necessário que certas perguntas sejam feitas ao material arqueológico e devidas análises. No caso específico do sítio Pinturas I, não tivemos as reais condições, nesse momento, da realização de análises que aferissem dados de um passado mais distante da região estudada, como os estudos paleoambientais.

As atividades de escavação do sítio Pinturas I foram prejudicadas pelo elevado grau de depredação do ambiente onde jaziam os restos esqueléticos de alguns indivíduos (Figura 3).



Figura 3 – Escavação do abrigo rochoso sítio Pinturas I, Paraíba, Brasil, nitidamente vandalizado (fragmentos de ossos humanos).

Os ossos humanos, dentes humanos, contas de colar, fragmentos de cerâmica e material lítico aflorando ao solo em montículos nas extremidades das quadriculas, são provas incontestes dos atos de vandalismo que se processaram no local, a tal ponto de inviabilizar uma futura datação radiocarbônica dos achados, nem tampouco obter informações mais precisas que favorecessem entender os rituais

fúnebres dos indígenas que ali foram sepultados (inumados), comprovadamente os Cariris.

Um das atividades mais interessantes desenvolvidas antes e durante a escavação do sítio Pinturas I, foram as palestras para a comunidade, especialmente com o recebimento de centenas de alunos da região que visitaram a escavação, desmistificando o mito da botija e mostrando-lhes o papel do arqueólogo num sítio arqueológico (Figura 4) e espeleológico.



Figura 4 – Atividade de Educação Patrimonial durante a escavação do abrigo.

Pelos dados coletados através das pesquisas de campo e laboratoriais, é possível que os grupos humanos que fizeram uso do abrigo rochoso do sítio Pinturas I, em São João do Tigre, Paraíba, que inumaram ali seus indivíduos não foram os executores das figuras rupestres no abrigo. Não foi encontrado, na escavação do referido sítio, nenhum material que possamos ligar os indivíduos ali inumados aos executores das figuras rupestres. Se existiram, foram destruídas pelos vândalos.

As pinturas e gravuras rupestres apresentam-se sempre em rochas suportes de diversos tipos. Na Paraíba já foram encontradas gravuras e pinturas nos três tipos de rochas existentes: ígneas, metamórficas e sedimentares, na maioria em abrigos rochosos.

As formas pelas quais os painéis rupestres com as figuras se apresentam são das mais diversificadas, de grafismos puros até o conjunto de figuras incapazes de serem ou não identificadas.

Aguiar (2002, p. 7) afirma que existem “diversas técnicas combinadas e desenvolvidas pelos autores dos sinais rupestres”, que deram origem a uma gama gigantesca, em todo o planeta, de classificações. Portanto, para se identificar um sítio de arte rupestre, em especial o enquadramento

em determinada(s) tradição(ões), é preciso observar as especialidades dos painéis, figuras e do grupo que as pintou/gravou.

Talvez a grande característica das pinturas rupestres da região estudada é que elas encontram-se, quase sempre, em abrigos rochosos de diversos tipos, desde pequenos abrigos rochosos, lapas, furnas e principalmente em abrigos-sob-rochas de grande tamanho.

2. METODOLOGIA

Para alcançarmos nossos principais objetivos utilizamos as seguintes estratégias:

1. Estudo do interior e exterior da cavidade natural, observando: solo, rocha do abrigo e condições atual da necrópole;
2. Escavação do sítio arqueológico e estudo dos restos esqueléticos para entender o *modus vivendi* dos Cariris nos Sertões da Paraíba;
3. Atividades de Educação Patrimonial com a comunidade local para minimizar a possível destruição de outros cemitérios em cavidades naturais na região.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

As características evidenciadas na escavação arqueológica do sítio Pinturas I, em São João do Tigre, fornecem-nos informações que sustentam a tese de ter existido no que hoje denominamos de região Nordeste, características comuns e peculiares observadas em várias importantes necrópoles da região, apesar do elevado grau de destruição antrópica e natural em que se encontrava o sítio Pinturas I.

Nas quatro importantes necrópoles citadas por Gabriela Martin (2005): Gruta do Padre, Furna do Estrago, Pedra do Alexandre e o sítio Justino, evidenciaram-se materiais arqueológicos, comuns, também, no sítio Pinturas I, em São João do Tigre e em outras necrópoles já localizadas e parcialmente estudadas nos Sertões da Paraíba. Todas as necrópoles citadas encontram-se em abrigos naturais e foram vandalizadas. Tais atividades comparativas vêm sendo bastante utilizada entre arqueólogos, como forma de identificação de características comuns, sendo, portanto, capaz de se traçar o perfil cultural de um ou mais grupos humanos.

Não identificamos, no sítio Pinturas I, o que fora identificado, por exemplo, no importante Sítio

Justino. Lá, houve outro uso do local: fizeram uso do sítio arqueológico como local de aldeamento (MARTIN, 2005).

Identificamos na região do sítio Pinturas I, local possível de aldeamento do grupo humano que ali viveu, fosse os indígenas Cariris da época do contato ou seus possíveis antepassados.

Partindo de dados empíricos e observacionais e dados obtidos em análise de outras necrópoles semelhantes no Nordeste do Brasil, que o sítio Pinturas I, com relação ao sedimento, em parte é formado por processos pós-deposicionais, causados pela ação dos rituais fúnebres do grupo humano que ali selecionou aquele abrigo na paisagem como uma necrópole e/ou lugar sagrado, pois tal ambiente apresenta-se em destaque no meio de tantos outros serrotes e abrigos-sob-rocha. Esta característica também foi observada na necrópole Pedra do Alexandre, no Seridó do Rio Grande do Norte (MUTZENBERG, 2007, p. 115).

O material arqueológico evidenciado a partir da escavação arqueológica do sítio Pinturas I pode ser considerado comum a outras áreas que viveram os Cariris. Em Buique (PE) evidenciaram-se fibras trançadas, enterramentos em cova. Em Zorobabel, Rodelas (BA), exumaram-se indivíduos com seus possíveis pertences (enxoval). No sítio arqueológico Pinturas I encontramos (ossos, dentes, cerâmica, contas de colar e material lítico), o NMI revelou uma grande quantidade de indivíduos de várias faixas etárias e provavelmente de sexo masculino e feminino, provando tratar-se, também, de uma grande necrópole, equivalente em importância as principais já escavadas no Nordeste do Brasil.

No cemitério Pinturas I, identificou-se que os indivíduos ali inumados foram sepultados e não simplesmente colocado deliberadamente. Acreditamos que a forma básica de sepultamento na necrópole foi indireta, pois a presença de elementos da cultura material do grupo demonstra que houve cuidados básicos com os falecidos. Na necrópole em questão, pelo pequeno espaço em que os corpos foram inumados e pela grande quantidade de indivíduos, acreditamos ter sido a área de uso coletivo, com corpos que se sobrepunham a outros já precisamente enterrados. Não identificamos se vários corpos foram sepultados numa mesma cova, apenas conjecturamos tratar-se de sepulturas coletivas pelos motivos já expostos.

Não percebemos se as sepulturas eram primárias ou secundárias, pois devido ao elevado grau de antropismo, não detectamos se os ossos estavam ou não articulados.

Não identificamos atos de incineração nos milhares de fragmentos ossos analisados. Em contato com os sedimentos da necrópole, identificamos, durante a escavação, presença de cinzas, mas fora de contexto, o que limita nossa interpretação acerca do tema incineração naquela necrópole.

Não foi verificado na necrópole do sítio Pinturas I, se os indivíduos inumados tinham o corpo recoberto por lajotas de pedras, costume comum em sítios arqueológicos no Nordeste semiarido; no entanto, identificamos a existência de lajotas de granito sobre a área escavada, mas tomamos conhecimento que foram (re) colocadas por indivíduos que frequentaram recentemente o local, como forma de reparar os danos causados ao patrimônio.

Não identificamos se os enterramentos eram individuais ou duplos, mesmo sabendo que no Nordeste do Brasil a predileção para enterramentos era individual.

Não identificamos pelo elevado grau de deterioração do material arqueológico, a posição e acomodação dos esqueletos ali inumados, bem como a orientação dos esqueletos dentro da necrópole.

Não identificamos, neste sítio, se os corpos eram envoltos em esteiras ou redes ou deitados em jiraus de madeira ou pedra ou por sobre outro mecanismo qualquer que evitasse o contato direto do corpo com o chão. Entretanto, tal característica tem sido comum em outros sítios em abrigos rochosos da região (SANTOS, 2009).

Não tivemos condições de averiguar se os esqueletos foram depositados em decúbito, bem como certas posições, graças ao elevado grau de antropismo.

Não tivemos como identificar se as fossas em que os indivíduos eram inumados eram de formato quadrado, redondo, oval ou outra forma geométrica qualquer.

Com relação ao tamanho do abrigo rochoso em que jazem os restos esqueléticos dos indivíduos inumados no sítio Pinturas I, segue um padrão já identificado, no semiárido do Nordeste, pois, tratam-se de lugares com poucas dimensões de largura, altura e profundidade que não ultrapassa 5 ou 6 mts, mas sempre protegidos das intempéries (Figura 5).



Figura 5 – O abrigo rochoso sítio Pinturas I em seu interior.

Com relação aos adornos que compunham os enxovais do sítio Pinturas I, são de origem óssea, ao menos os que chegaram até nós; os de origem orgânica, devido a sua curta longevidade, além do elevado teor de salinidade do solo, se existiram no local, desapareceram; os adornos mais comuns nas necrópoles do Nordeste são pingentes e contas de colar, também identificados no sítio Pinturas I.

Não identificamos a existência de fogueiras por sobre os indivíduos, nem tampouco nas laterais do local que exumamos os restos esqueléticos dos indígenas ali sepultados, graças aos atos de vandalismos.

O não encontro ou identificação de certas características comuns em outras necrópoles do Nordeste, mas ausentes no sítio Pinturas I, não invalidam a hipótese de não ter existido dinamicidade e heterogeneidade nos processos de enterramentos naquele local.

Não podemos afirmar que a cerâmica coletada no sítio Pinturas I, fazia parte de içaçabas, mas que as reconstituições nos mostram ser uma cerâmica utilitária de pequenas vasilhas que, possivelmente, tenham servido como parte de algum ritual fúnebre, mesmo que a pesquisadora Gabriela Martin (2005) chegue a afirmar que não existiam grandes diferenças entre a cerâmica utilitária e a utilizada como içaçabas. No nosso caso, chegamos à conclusão de ser uma cerâmica utilitária levando em consideração o tamanho das peças, o que seria pouco convincente, seu uso, como içaçaba.

Das várias formas de inumações primárias indicadas por Gabriela Martin (2005) para o Nordeste do Brasil, conseguimos identificar no sítio Pinturas I:

- Presença de enxoval fúnebre, mesmo que fora de contexto, ou seja, sem conseguirmos identificar a qual ou quais covas pertenciam;
- Presença de contas feitas a partir de ossos de animais e pingentes de dentes de animais;
- Vestígios de cinzas e fragmentos de carvões, mas sem a possibilidade de identificarmos atividades ritualísticas diversas;
- Utilização de vasilhames cerâmicos de vários tamanhos e formas, provavelmente como parte do mobiliário fúnebre;
- Enterramentos prováveis individuais e/ou coletivos.

Na necrópole do sítio Pinturas I, não conseguimos identificar nem o gênero nem sexo dos indivíduos ali inumados.

Por se tratar de uma necrópole indígena comprovadamente através de datação do material arqueológico cerâmico, não identificamos vestígios da cultura europeia que possam ter interferido no modo de sepultamento dos indígenas da região.

Com relação à cronologia de ocupação da necrópole do sítio Pinturas I, as datações obtidas através de datações absolutas pelo método de TL traçaram um período de ocupação daquele ambiente, enquanto cemitério, por cerca de 2 (dois) séculos.

A questão de associarmos os sepultamentos do sítio Pinturas I aos indígenas Cariris está pautado em inúmeros relatos de bandeirantes, padres missionários, viajantes e cronistas que tiveram contato direto com esse grupo humano na região antes da intervenção direta do colonizador (BRITO, 2013).

4. CONCLUSÕES

Escavado em 2008 e 2009 (SANTOS, 2008), o cemitério indígena sítio Pinturas I, em São João do Tigre, Paraíba, constitui uma importante necrópole que pode contribuir para a caracterização do perfil cultural do grupo humano que habitou a região, os indígenas Cariris.

Os trabalhos de campo e laboratoriais foram desenvolvidos durante cerca de vinte (20) meses, sendo que a intervenção arqueológica permitiu a quantificação de um número mínimo de indivíduos de 35 (trinta e cinco) na área escavada do sítio. Estes números não excluem a possibilidade de existirem mais ossos ou fragmentos desses, bem como dentes humanos, por força de lei que exige que se deixe

“intacta” parte do sítio, como testemunho para possíveis e futuras intervenções.

As características da necrópole sugerem que havia uma escolha previa quanto ao lugar para as inumações, tendo em vista a repetição de necrópoles em serrotes de grau médio de dificuldade de acesso e a busca por abrigos rochosos e proximidade de corpos d’água e fontes básicas de matérias-primas e alimentos.

Com relação aos dentes humanos obtidos durante a escavação, num total de 279, sendo analisados 140 dentes, conseguimos realizar o NMI, obtendo-se 12 indivíduos (nove adultos e três crianças). Esses números vão de encontro aos 35 detectados através do osso temporal, é que apenas cerca de 50% dos dentes foram analisados, pois os demais estavam impossibilitados de análise, bem como é possível que parte dos dentes tenha caído antes da morte dos indivíduos por motivos diversos.

Os adornos (contas de colar e pingentes) foram comparados com aqueles obtidos na necrópole Furna dos Ossos, em São João do Cariri e de outros sítios, e, possivelmente, servem como ótimo indicador da cultura material desses grupos humanos.

Com relação aos ossos de animais, carapaças de tatu e ossos de preá e/ou mocó, acreditamos terem origem pós-deposicional, já que esses animais ainda frequentam o local e perturbam o solo, como verificado numa das quadricula em que aparece um buraco de tatu que conduziu inúmeros ossos humanos para o seu interior, sendo tal buraco, a nosso ver, recente (SANTOS, 2010).

Os procedimentos quanto ao material lítico e cerâmico foram os mesmo dos adornos, comparados entre si, como forma de extrair dessa comparação o máximo de informações possíveis sobre o perfil cultural desse(s) grupo(s) humano(s).

Com relação ao conjunto rupestre ali existente (cinco painéis, sendo três na parte interna do abrigo e dois na parte externa), seguindo a proposta e os conceitos básicos de Pessis (2002) acerca das principais tradições rupestres da região Nordeste, enquadramos o conjunto de pinturas na Tradição Agreste de arte rupestre, no que afirmamos ser comum encontrarmos figuras desta tradição nas áreas internas e externas dos inúmeros abrigos rochosos graníticos em todo o sertão da Paraíba.

De tudo, elencamos como uma das atividades mais significativas desenvolvidas durante a escavação e o estudo do entorno do sítio, a ida da comunidade ao local, onde tivemos as reais

condições de lhes mostrar a importância dos sítios espeleológicos e arqueológicos da região, que quase sempre contém material arqueológico e, especialmente desmistificar o mito da ‘botija’, que tem contribuído para a destruição de inúmeros sítios arqueológicos e espeleológicos em toda a Paraíba.

Com relação ao abrigo rochoso em si, o mesmo começa a sofrer danos causados por visitantes, como quebra de blocos rochosos para retirada de pinturas rupestres e escavações

clandestinas, observados em vários abrigos rochosos (cemitérios e sítios rupestres) de toda a Paraíba, comprometendo futuras intervenções arqueológicas nestes locais.

AGRADECIMENTOS

CNPq e PROPESQ/UEPB, órgãos financiadores das pesquisas na APA das Onças.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, R. I. S. **Manual de arqueologia rupestre** – uma introdução ao estudo da arte rupestre na ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes. Florianópolis: IOESC, 2002.
- BRITO, V. O homem e o meio na Paraíba. **Diário da Borborema**. Campina Grande: 21 mai. 2008. A2.
- BRITO, V. **Missões na Capitania da Paraíba**. Campina Grande: Cópias e Papeis, 2013.
- MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 5. ed. Recife: Editora da UFPE, 2005.
- MUTZENBERG, D. S. **Gênese e ocupação pré-histórica do sítio arqueológico Pedra do Alexandre**: uma abordagem a partir da caracterização paleoambiental do Vale do Rio Carnaúba-RN. 2007. 142 p. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Recife: Editora da UFPE, 2007.
- PESSIS, A.-M. **Imagens da Pré-História**. São Raimundo Nonato: FUMDHAM/PETROBRÁS, 2002.
- PIRES, M. I. C. **A Guerra dos Bárbaros – resistência e conflitos no Nordeste Colonial**. Recife: Editora da UFPE, 2002.
- SANTOS, J. S. Escavação do sítio Pinturas I em São João do Tigre – PB. **SBE Notícias**, ano 3, n. 87, p. 2, 21 mai. 2008.
- SANTOS, J. S. **Práticas funerárias nos Sertões da Paraíba**: a necrópole sítio Pinturas I, em São João do Tigre, PB. 2009, 164 p. Dissertação. (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife, 2009.
- SANTOS, J. S. **A escavação arqueológica da necrópole sítio Pinturas I, na APA das Onças, em São João do Tigre**: traços indelévels dos indígenas Cariris nos Sertões da Paraíba. Campina Grande: JRC, 2010.